

RELIGIÃO E PÁTRIA.

PERIODICO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO.

RESPONSÁVEL — T. G. DE SOUSA PINTO.

NUMERO 13

QUINTA FEIRA 22 DE JANEIRO DE 1863

1.ª SÉRIE.

EXPEDIENTE.

A administração d'este periodico participa aos srs. assignantes, que d'hoje em diante podem mandar satisfazer o importe de suas assignaturas, ficando ao arbitrio dos srs. assignantes de fóra do concelho o poder fazel-o por vales do correio.

GUIMARÃES 21 DE JANEIRO.

É hoje moda o dizer-se que o governo pontifício não corresponde ás necessidades d'esta época, que entre elle e os de mais governos da Europa existe a mesma differença que ha entre a immobildade e o progresso, entre a estagnação e a actividade, entre a civilização e o obscurantismo, e que por isso mesmo todos aquelles que forem liberaes, progressistas e amigos do povo se devem manifestar contra semelhante governo levantando a voz pela emancipação da Italia, lamentando a sorte dos pobres subditos de Pio IX e fazendo vastos ardores para que elles se possam chamar um povo livre e para que possam entrar nas novas vias do progresso que se abre a todos os povos da terra. E ainda os que dizem só isto são muito moderados por que a moda de desconceituar o governo pontifício na Europa e principalmente em Portugal tem chegado até á injuria, até á calumnia, até á perseguição por acções por palavras e por escriptos, e temos visto por varias vezes prostituirem se pennas habéis, e mui assignalados talentos n'esta perseguição teimosa e systematica; temos ouvido a voz turbulenta e sangüinaria dos facciosos erguer-se contra Roma; temos visto que se tem preparado a opinião para que esta declare detestavel o governo temporal de Roma e o peor é que para certas almas que, ou por desleixo, ou por cegueira de fanatismo partidario, se não querem dar ao trabalho de examinar os fundamentos e razões d'essa opinião, a inconveniencia do governo pontifício passa já como facto incontestavel e averiguado.

É talvez este o passo mais avantajado que a revolução podia dar em nossos dias.

Temos porém para nós, que esta moda de illudir a opinião acerca do Governo Pontifício ha de passar como passa tudo aquillo que não tem a verdade por fundamento. Felizmente temos entre mãos um opusculo — *A Inercia do Governo Pontifício* —, o qual se, apesar das prevenções que os inimigos de Roma têm sabido crear no meio do povo, podesse ser lido e conhecido por todos, a verdade teria bem d'pressa a vez do seu triumpho e o Governo Pontifício seria talvez apresentado por modelo diante d'aquelles que mais obstinados o combatem. Se governar bem os povos é promover-lhes simultaneamente o seu engrandecimento moral e material, se é dar-lhes a riqueza da industria, do commercio, das artes, e da agricultura; se é facilitar-lhes a instrução, multiplicar-lhes as escolas, os collegios, os seminarios, as academias; se é inspirar-lhes os bons costumes, por todo o esmero e sollicitude em sua educação moral,

civil e religiosa; se governar bem o povo é attender com todo o cuidado e amor ás necessidades e precisões de sua vida, quaesquer que sejam as condições em que esta se considere, se é fundar estabelecimentos de caridade para a infancia desvalida, para a velhice enferma, e para toda a sorte de pobreza; se governar bem o povo é dar-lhe caminhos de ferro, telegraphos, fabricas, machinas a vapor, institutos e escolas agricolas; se governar bem o povo é estimular, com premios, a industria, as artes, e o trabalho de toda e qualquer especie, se é facilitar a navegação mercantil, se é cuidar da recreação e saúde publica, esgotando pantanos, ampliando e aformoseando jardins botanicos, ruas e passeios publicos; se governar bem os povos é saber regular o imposto de maneira que não sejam gravados os contribuintes, e que ao mesmo tempo se occorra a todas estas, e a outras muitas necessidades do estado havendo sempre um saldo a favor do thesouro; se isto, e o muitissimo que omitimos e que pode ver-se no opusculo de que fallamos e que recommendamos aos leitores, é governar bem os povos, estamos convencidos que a moda de perseguir e hostilizar o governo pontifício ha-de passar como passa uma vertigem e todos os governos do mundo ha-de aprender d'aquelle a governar os seus estados.

Já dissemos em alguma occasião — seguindo um escriptor catholico — que está hoje em moda proferirem-se certas heresias que parecem engraçadas, para assim se fazer ostentação de ditos agudos, de repente felizes, e de vivesas de espiritos fortes; não nos envergonhamos de repetir ainda as mesmas palavras porque os homens da actualidade, sepultados no profundo indifferentismo religioso, não se envergonhão, nem cessão de denunciar por fanatismo todo o acto que tendê a confessar, e defender a sanctidade da Religião Catholica; e á sombra d'este papão horrendo, vão produzindo quantas blasfemias e heresias lhe vem á cabeça.

Não nos intimidam as chufas dos criticos e falsos philosophos do seculo — apraz-nos mesmo partilhar e defender uma religião que foi e é combatida a cada instante; porque é uma das grandes provas de ser a unica verdadeira — segundo o vaticinio do mesmo Salvador.

Além de que, se reunirmos aos ataques que está soffrendo a Religião Catholica, os costumes dos seus adversarios, poderemos então dizer — como ponderou o mesmo escriptor citado — «Nada é mais capaz de inspirar respeito á nossa religião, do que observar o caracter dos que a combatem; pois que elles não a combatem, senão porque a não conhecem, e porque o seu interesse consiste em impedir que ella se conbega». É esta a maneira de não acharem obstaculos ás suas desordenadas paixões.

Os espiritos fortes, tanto de hoje, como de sempre, não têm sido uniformes nos ataques que dirigem contra a santa religião; com quanto o seu alvo seja o mesmo, é certo que tem diversificado nos meios. Umaz vezes descarregam os seus golpes directamente e ás claras, — d'estes não nos occuparemos agora, mesmo porque já d'elles deixamos um esboço — outras vezes atacam a religião, fingindo que tem por ella um grande zelo. A estes dizemos nós que para serem mais acreditados deixam fallar menos. Incutem-se por mui-to apreciadores da pureza do Evangelho; fingem crer neste livro tão divino, porém desoocultando, e introduzendo, no seio da sociedade, mil d'vidas sobre a auctoridade da igreja, mostrando-lhes que não acredita-

rem nas suas determinações; de maneira que, na presença d'estes novos doutores, deveremos ter por um pygmeu (em sciencia) ao grande doutor da igreja, Santo Agostinho, que confessou francamente que elle não acreditaria na sublimidade do Evangelho se elle lhe não fóra proposto pela igreja. Bem certo estava este Santo Doutor que religião e igreja são duas coisas que ha-de andar sempre unidas. Porém os nossos espiritos fortes que vêem as cousas por outro prisma crêem ou pretendem fazer crêr que se pode ser religioso sem estar ligado ás leis da igreja. Pobres myopes, e infelizes de todos os que os seguem. Não vêem elles que a nossa alma e a nossa salvação estão pela Providencia confiadas á igreja, como a nossa vida e saúde, quando éramos creanças, estavam, por esta mesma Providencia, confiadas á nossa boa mãe! e então não será evidente que todo aquelle que ataca a igreja é visto atacar a alma e a salvação eterna de cada um de nós, como muito bem disse Mr. Segur? Não nos diz o Divino Salvador «o que não escutar á Minha igreja, seja para vós tido por um gentio ou publicano? Deveremos nós escutar as palavras traçoeras dos nossos presumidos philosophos, quando J. C. não confiou d'elles a Sua lei, mas sim de homens humildes e gratos?

Ha muita gente que falla em religião, ou ante-

Falla o fiel christão, falla o libertino e o impio — todos fallam n'esta arca dos naufragados; comtudo uns fallam da religião porque a amam, e querem que ella prospere, e outros fallam d'ella como de uma cousa que temem, e de que desejam desassombrar-se, e é por isso que fazem todos os esforços por lhe diminuir a sua influencia até que a possam bahir de cima da terra. D'aqui o portarem uns que o mudo mente — que é traçoero, e o portarem outros, que todo aquelles que despresam o soffrir fagueiro do mundo são misantropos — são tolos.

Os oradores dos salões, das lojas e dos cafes en-carregaram-se de arengar ás turbas, e inculcando-se por zeladores dos seus direitos, e da sua liberdade, prometem-lhes liberta-los do jugo da Igreja — substituindo pelo despotismo politico.

E o sacerdocio aturdido pela busina da impiedade, e da libertinagem, calou-se, ou se tornou frouxo na sua missão, quando devia redobrar as suas forças para espantar o mouro que anda na serra.

A sociedade tem-se resentido — de uns porque dizem demais, ou dizem o que não devem dizer, e de outros porque fallam de menos ou não fallam como devem fallar.

É por aqui — segundo nos parece — que os nossos criticos deveriam abrir brecha para descarregar os seus golpes sobre a molésa, e descuido do nosso clero se porventura pertendem ser tidos por escriptores de boa fé; e se não querem que os comprehendamos na classificação que deixamos notada. É por este meio entim que elles podiam prestar os seus serviços á religião e á patria.

Mas esta sinceridade vai de encontro á marcha progressiva que levam as ideias do seculo — seria mesmo meucar mesquinhez de espirito.

Fallar de abusos na Igreja, pedir ou decretar reformas, assumir direitos a torto e a direito, é isto o que convem para ganhar um nome (que muitas vezes se ha perdido no meio da despotismo o universitario); é isto tambem o que está em harmonia com o orgulho do seculo! Pobre povo a quem vendaram os olhos, e vai caminhando sem saber para onde o levam!!!

Permittam os nossos criticos que lhe pergunte,

mos hoje em que paginas da sua historia tem elles registado essa coragem evangelica, essas virtudes heroicas em que tanto se têm distinguido os sacerdotes dos nossos dias n'essas terras inhospitas — n'essas regiões de selvagens por onde caminham cheios de fé e caridade em socorro das almas — arrostando com a morte que a cada passo lhe sae ao encontro, succedendo-se uns a outros, sem receio da fome, nem dos barbaros tormentos em que exalam a vida dando testemunho da sua fé?

Aonde está a rectidão do escriptor que tendo palavras para agravar a dor da Santa Igreja, não tem uma só para lhe dar consolação? Em que obra ou jornal, sahidos de suas mãos, se haverá encontrado algum clamor contra a profanação do domingo — sendo este um dos abusos que pede a attenção de todo o homem catholico? Quiseramos nós, que os nossos criticos reprehendessem os abusos, e a relaxação de costumes que fazem tremer a sociedade, e horrorisar a Igreja; quiseramos que o fizessem com sinceridade de intenção; lance-se um golpe de vista sobre esse mundo politico, e qual será o escriptor — qual o homem imparcial que se não horrorise em presença dos factos que se estão succedendo!

Dizei pois o que quizerdes — espiritos turbulentos — mas um sacerdote é um amigo para a hora em que o tempo em que o mundo nos abandona e os demais amigos nos fogem! Dizei o que vos aprouber, mas ficai certos de que nada tendes dito ou feito que possa servir para instruir o povo nos seus deveres. Vós sereis mais uteis á sociedade, mostrareis que sois mais amigos do povo, se vos mostrardes menos inimigos dos padres — O padre Gaume, depois de dizer que somos obrigados a amar aos nossos inimigos como a nós mesmo, porém que hoje é o padre o objecto de zombarias sacrilegas, e de um rancor impio, nos relata um facto que julgamos a proposito transcrever — é como se segue:

Hum d'estes grandes malvados que, durante os dias das nossas desgraças, se tinha manchado com os crimes mais atrozes, banhando-se muitas vezes no sangue dos sacerdotes, cahiu doente. Tinha elle jurado que nunca sacerdote algum poria os pés na sua habitação, da que se algum busasse entrar ali por surpresa, não tornaria a sair. Um sacerdote foi enforcado d'isto, e das disposições hostis do doente. Não importa! o bom pastor sabe que deve dar a vida pelas suas ovelhas.

Sem hesitar sacrificou-se, e ousa apresentar-se-lhe. Ao seu aspecto, torna-se-lhe o doente furioso, e concentrando todas as suas forças:

Que! exclama elle com uma voz terrivel, um padre em minha casa! Dêem-me as minhas armas! — Irmão, lhe pergunta o padre, que quereis fazer? Eu tenho maiores forças para oppor-vos, a minha caridade e a minha constancia. — Dêem-me as minhas armas! Um padre ao meu lado! Negaram-lhe as armas. Então lançando fóra da cama um braço nervoso, ameaçou o sacerdote dizendo: Sabe que este braço deu a morte a doze dos teus semelhantes. — Enganas-te, irmão, lhe tornou brandamente o sacerdote, ahi ha um de mais, o duodecimo não morreu; esse duodecimo sou eu. Vê, acrescentou elle descobrindo o peito, as cicatrizes dos golpes que me deste. Deus conservou-me a vida para te salvar. A estas palavras estende os braços para o doente, abraça-o ternamente, e o ajuda a bem morrer. Se mil padres não deram igual exemplo é por que um só teve occasião para isso. Eis aqui o sacerdote.

A INSTRUÇÃO DO CLERO PORTUGUEZ

(CONTINUADO DO N.º 11)

Não se julgue que o systema de ensino nos seminarios, de que fallamos no n.º antecedente, é impossivel. Tem graves difficuldades, mas uma vontade enérgica, esforços generosos e boas intenções vencem todos os obstáculos. Não somos de opinião de que estes resultados se obtêm por meio de largas dissertações; ha cousas que são mais bem apreciadas pelo sentimento do que pela intelligencia.

Muitas vezes uma anedocta, uma reflexão feliz a proposito, um lance rapido, um quadro de costumes dizem mais sobre o espirito do seculo do que um grande volume.

Para o bom resultado d'esta idéa concorrem duas

cousas, — livros e mestres — e acima de tudo — uma boa escolha d'uns e d'outros.

Ha poucos homens capazes de ensinar.

A variedade dos talentos é tão grande, tal a diversidade das materias, juntam-se em roda da cadeira de um professor tanta diversidade de discipulos, que só á força de tacto e de estudo é que um mestre pôde expor as suas idéas de modo que seja comprehendido pelas mais humildes intelligencias e interesse os espiritos mais desenvolvidos.

E' de myster que o professor coordene seus pensamentos de tal sorte que o discipulo de pouco talento ache em suas lições elementos de sciencia, e os de grande capacidade achem ali uma semente fecunda e como um atractivo interior que os convide e provoque a meditar sobre a materia explicada.

Considerados assim pelo lado intellectual, os professores devem possuir elevados dotes, sempre raros e sempre apreciaveis. Mas a intelligencia só não basta; o coração tem aqui uma grande parte, a moralidade deve aqui intervir com o seu influxo benefico. O professor considerado pelo lado moral é ainda mais bello e mais necessário.

Estamos n'um seculo, em que se põe quasi sempre de parte o coração para ceder o lugar á intelligencia. Proclama-se o reino da intelligencia, unico e independente, e o racionalismo invadindo tudo tem deixado e deixa ainda em sua passagem vestigios indeleveis de destruição e de morte.

O professor, e especialmente o professor de sciencias ecclesiasticas deve ser exornado de piedade e de virtude, de amor e de fervor. Queremos que o mestre dos moços, que se destinam ao sacerdoceo, possuindo idéas em todos os ramos da sciencia para elevar seus discipulos até ao nível do progresso, tenha ao mesmo tempo qualidades moraes de tão subido quilate, que infunda no espirito d'esses moços a mais solida piedade e o mais intrahavel amor pela virtude.

D'este modo teremos o padre *sal da terra* pelas suas virtudes e excellentes qualidades moraes, *luz do mundo* pela copia dos seus conhecimentos e pela vastidão do seu saber.

Do «Bem Publico» transcrevemos o seguinte artigo:

CALUMNIA TÃO INFERNAL COMO INSENSATA.

O «Portuguez» encetou o novo anno, transcrevendo do «Jornal do Commercio» que o tinha traduzido da «Opinione» de Turin de 11 de dezembro, uma calumnia infame contra a illustre rainha de Napoles — de nada menos que de adultera e assassina. Depois de lhe ter roubado a corôa, esta cafila ainda lhe quer roubar a honra! E' a mesma gente que enxovalhou a reputação até da Senhora D. Maria II; que não poupou, nem depois de morta, a esposa do seu proprio chefe; é ella que repete as antigas e costumadas praticas, contra uma princeza, a quem as suas desgraças e o seu heroismo deviam tornar sagrada.

E' bom que os conheçam todos os homens de bem. Felizmente a calumnia é tão grosseira, que só malvados e idiotas podem prender-se n'ella.

Aproveitando certas obscuridades de um processo de sedução a um homem que se fazia passar por príncipe belga não o sendo; architectam o seu edificio de calumnias.

Não cremos que houvesse processo; mas se o houve, se n'elle se deram essas obscuridades, nós também temos o processo da moeda falsa e da rapariga assassinada do Rio Secco, onde se acham bastantes obscuridades de que poderia valer-se um homem sem consciencia para armar uma calumnia contra alguma pessoa notavel entre os confrades do irmão O'Connell (profanamente Judicibus). E não surprehenda a nossa duvida, porque lidamos com gente de tal modo perversa, que chegam a accusar-se a si mesmos de crimes que não commeteram só para poderem calumniar os seus adversarios.

Mas tornemos á calumnia. E' nada menos que ter a rainha cravado um punhal nas costas da filha do general Statella porque veio avisal-a de que o rei a procurava para almoçarem (assim como faz qualquer burguez), contra as ordens que ella tinha dado a esta dama para que por caso nenhum entrasse ninguem no seu quarto nessa manhã. A rapariga morre instantaneamente, e a rainha toma o cadaver, arrasta-o

para junto do leito, e deita fogo ás cortinas: espalha-se a confusão pelo palacio; entra e sae gente no quarto, e o seductor aproveitando a confusão do povo foge. O fogo todavia vai progredindo e chega a queimar os pés da assassinada... O crime a final vem a saber-se, mas consola-se o pai com o donativo de 50 contos de reis, o que não lhe deu consolação porque «morreu poucos mezes depois da filha.»

Aqui está toda a *historia*, que é uma 3.ª ou 4.ª edição, mais correcta e augmentada por causa dos desmentidos que as primeiras edições provocaram.

Agora a analyse. Processo por sedução a mulher casada, não pôde instaurar-se em paiz nenhum senão a requerimento do esposo offendido. Ora, o rei não requereu; e aqui figura-se um processo ex-officio, o que não é possivel.

Quem pôde erer que na situação em que se figura a rainha tivesse tão á mão um punhal, que fosse bastante um impeto de furor e de ira para lançar mão d'elle, e enterral-o nas costas da joven Statella? quem acreditará que esta tivesse entrado de costas, ou que deste modo fallasse á rainha? E por fim, como é que ás horas de almoço ainda conservava velas acesas no seu quarto para immediatamente chegar uma ás cortinas do leito, e atear um fogo tão intenso que chegou a queimar os pés da dama assassinada?

Achamos tão torpe a lembrança de suppor um pae capaz de vender por 50 contos a vida de sua filha que basta isto para virmos a conhecer que só de um vil capacho de maçonaria podia nascer. Costumado a vender-se, ajunza dos outros por si. Mas não pensou que os 50 contos ao pae exigiam muitas centenas de contos para comprar o segredo de todas as pessoas, assim o medico e testemunhas que assistiram ao exame, como são muitas dezenas de outras que correram a apagar o fogo, e ás quaes não podiam esconder-se os vestigios do crime.

Em 1.º lugar, o punhal ensanguentado que a rainha não podia ter engolido, e que não pôde ter tempo d'esconder; em 2.º lugar, o sangue que havia de esguichar da ferida, e que não só mancharia o seio, as mãos e os vestidos da rainha, mas que de mais a mais deveria ter corrido pelo chão, quer na occasião do golpe, quer quando o cadaver foi arrastado para junto do leito.

Como é que de tantas pessoas que entraram no quarto para acudir ao fogo, tantas que pela confusão subsequente pôde o seductor evadir-se, nenhuma viu o sangue nos vestidos da rainha? Dirão que em quanto o fogo lavrava no seu quarto esteve estoicamente lavando-se e mudando de vestido? não seria bastante; ainda teria de apagar inteiramente as nodoas do sangue depois de o fazer desaparecer... Seria necessário recorrer a uma intervenção do spiritismo.

Devemos confessar que se os taes liberaes do Piemonte são grandes malvados, não são menos completos idiotas, aos quaes somente poderão pedir meças os irmãos do *Jornal do Commercio* e do *Portuguez*. Valhamos isso ao menos.

Um incendio assim nos aposentos da rainha, e no palacio Quirinal, era uma cousa bastante grave para constar: fallar-se-ia nisso, chegaria ao conhecimento dos jornaes que tem seus correspondentes em Roma, e assim chegaria ao conhecimento de todos. Contudo nenhum jornal fallou nesse incendio, nem nas consequencias d'elle, quaes deveriam querer que se conhecessem todos quantos tinham interesse em que se attribuisse a este accidente a morte, aliaz effeito de um crime.

Este silencio a respeito do fogo e de suas suppostas consequencias mostra a parvoice da invenção posthuma. Pois não é claro a todas as vistas que o prurido de noticias que domina todos os correspondentes ajuntava-se ao interesse dos suppostos auctores deste drama horrivel, para que logo constasse o incendio, augmentando-se infinitamente as porporções dos seus estragos? Como pois ninguem ouviu fallar em tal? Quem é que soube que tinha havido um fogo no Quirinal? ninguem.

A mentira é muito grosseira: só lozcos a engolirão.

Já estava na imprensa o que precede quando vimos nos jornaes estrangeiros confirmada a supposição que o simples bom senso nos tinha auctorisado a fazer — de que era uma calumnia estúpida a que imputava á respeitavel rainha de Napoles dous dos maio-

REVISTA DOS JORNAES.**EXTERIOR****ITALIA**

Roma. O Summo Pontifice continua a ser victoriado entusiasticamente pelo povo romano, e goza de excellente saude. No dia 31 de Dezembro apesar da chuva cahir a torrentes, uma compacta multidão atulhava as ruas do transito por onde Sua Santidade se dirigia a assistir ao *Te Deum*, e bradava:—viva o Pontifice Rei! viva a França!

Sua Santidade pronunciou um discurso no primeiro dia do anno por a occasião da recepção diplomática, em que fallou do Imperador Napoleão, elogiou as virtudes da imperatriz Eugenia e mostrou muita solicitude pelo seu afilhado, o principe imperial.

Em outro discurso pronunciado no mesmo dia no acto da recepção dos officiaes francezes, expressou Sua Santidade a confiança de que o Piemonte arrependido se lance aos pés de S. Pedro, como Jacob depois de combater o anjo uma noite inteira.

Disse tambem que se o exercito francez se faz glorioso nas batalhas, muito mais o é ainda sustentando os legitimos direitos do chefe da religião catholica.

Em quanto em Roma Pio IX proferia estas palavras, Victor Manoel recebia em Turin as felicitações dos primeiros corpos do estado, e pronunciava um discurso em resposta a outro do presidente da camara dos deputados, e entre outras proferiu as seguintes palavras, que aqui vem muito a propósito, para ter-se inteiro conhecimento das idéas que ainda alli se nutrem. «Se durante o anno corrente se continuarem todos os sacrificios e todo o trabalho de organização tão bem encaminhado; é certo que no proximo anno a Italia poderá realmente pensar de um modo pratico em completar a sua independencia e em tomar o seu lugar entre as potencias civilisadas. Então todas as difficuldades desaparecerão, como por encanto, e a unidade e a independencia da península não serão um objecto de duvida ou de discussão.»

sobre o estado da fazenda, da administração civil e judicial, e sobre o exercito vão sendo annunciadas, e são acolhidas com provas de verdadeira satisfação pelo povo romano.

Alem destas medidas a commissão de reformas propõe a creação de uma assemblea, em que sejam representadas as tres ordens da nobreza, clero e povo, com eguaes direitos de voto.

Estas medidas não foram aconselhadas pelo governo francez como se disse, mas já estavam desde há muito preparadas, e só se esperava a occasião opportuna de as pôr em execução.

O governo pontificio auctorisou a voltarem ao paiz os subditos romanos que estavam emigrados em consequencia dos acontecimentos do anno ludo, sob a condição de declararem as auctoridades pontificias da fronteira os motivos da sua emigração, e regresso á patria.

Os planos para o engrandecimento e fortificações de Civita-Vecchia foram approvados por Sua Santidade.

O governo de Turin occupa-se activamente em querer extinguir os napolitanos que armados pelegam pela sua independencia e autonomia, pelo que parece que o general La Marina vai ficar só com o governo militar de Napoles, sendo conferida a outro individuo a governação civil.

Segundo noticias de Napoles a insubordinação vai-se desenvolvendo nas fileiras do exercito piemontez; o capitão do porto de Manfredonia foi assassinado por um sargento de marinha com tres bayonetadas. O assassino foi preso.

No dia 20 de Dezembro foi fuzilado um soldado napolitano por ter assassinado um capitão de esquadra piemontez.

Os fuzilamentos continuam a ser frequentes em Napoles, e para ser fuzilado basta somente ser accusado de haver relações com os reaccionarios.

Garibaldi é vigiado de perto pelo governo de Turin, porque recea que seja arrastado pelos seus amigos a alguma nova tentativa.

Na Lombardia fazem-se alistamentos g ribaldinos publicamente. Os alistados juram coirer ao primeiro signal de Garibaldi, e inscrevem-se n'uma toalha de papel, que tem o seguinte titulo, — *Por or em de José Garibaldi si remo café da Itália.*

res crimes que possa commeter uma mulher — o adultério e o homicidio.

Mulher heroica! Deves ter soffrido muito! Por em quanto só a infeliz esposa do bom Luiz 16.º, te leva vantagem em soffrimentos, porque foi decapitada por aquelles que lhe laceraram a honra... Sim, deves ter soffrido muito; mas quantos meritos no Ceu, se perdoares aos teus algoses, e pedires a Deus por elles!

Por esses jornaes sabe-se que nenhum tribunal ou conselho de guerra francez julgou nem zuaivo, nem official de romances infames, que o *Jornal do Commercio* e o *Portuguez*, com o seu instincto maçonico, se apressaram a adoptar como proprio, e a generalisar.

A seguinte carta, que se lê nos mesmos jornaes destroe todo o resto da infernal calunnia:

«Sr. — Os jornaes dedicados á causa injustamente chamada da Italia publicam uma narração cheia de ultrages contra a rainha Maria Sophia, e fazem morrer uma de minhas filhas assassinada no Quirinal. *Todas as minhas filhas, graças a Deus, estão vivas* para declararem comigo que aquella narração é de todo ponto falsa e calunniosa: Sua Magestade, que Deus guarde, como rainha e mulher é digna de seu augusto esposo, e o negrume dos inimigos deste heroico e infeliz par concorre para abrilhantar mais as suas virtudes, e suas desgraças não merecidas.

«Recebei, etc. — Condessa Statella Berio.»

Por honra do nome portuguez desejariamos que os pregoeiros da calunnia o fossem tambem da sua refutação; mas receiamos esperal-o de balde.

CORRESPONDENCIAS.

Snr. redactor.

Rogo a v. o favor de publicar nas columnas do seu jornal a correspondencia, que segue, a qual n'essa data remetto á redacção do *Vimaranense*; favor que muito agradecerá o

Desembargador Prior *Alvaro de Carvalho Moreira Pinto.*

Ajuza em Belem

14 de Janeiro de 1863

III.º Sr. Redactor do Vimaranense.

Rogo a V.ª S.ª o especial obsequio de suspender a remessa do seu jornal — *Vimaranense* — para mim.

Como nem todos pensamos do mesmo modo, por isso eu prefiro *divertir-me* com a leitura das Orações — e mesmo rezal-as todos os dias — publicadas pelo *Amigo da Religião*, a inspirar-me na leitura de orota, e tam minuciosa das exequias maçonicas celebradas pellos CC.ª. RR.ª. . . e outros.

De V.ª S.ª

m.ª att.ª ven.ª

Dezb.º Prior *Alvaro de Carvalho Moreira Pinto.*

Ajuda em Belem

13 de Janeiro de 1863

Snr. Redactor

Correndo ahí na cidade o boato menos verdadeiro, de que eu tinha sido offendido de palavras por alguém da familia do ill.º sr. Gaspar Ribeiro Gomes d'Abrun, apresse-me a vir á imprensa, como é dever meu, restabelecer a verdade dos factos, e desmentir esse boato, para retirar de sobre aquella familia o odiOSO d'elles.

E verdade, que na rua de Santa Maria me foram dirigidas d'uma janella algumas palavras insultantes, mas não foi de casa do sr. Gaspar Ribeiro, nem por alguém de sua familia, cuja aprimorada educação, á falta de outras provas, me seria prova bastante para não poder suppor que foi de lá que sahiram os insultos.

Pela inserção d'estas linhas no seu muito lido periodico me confessarei

De V.ª &c.

Padre Manoel Fernandes Agra.

Pela direcção do correio d'esta cidade foi-nos enviado o seguinte:

CONVENÇÃO POSTAL COM A HESPANHA,

Desde o 1.º de Fevereiro em diante, só serão expedidas para alli as cartas, e jornaes, que forem seladas pela seguinte tabella, sendo retidas nos correios ás que o não forem.

Cartas por via de terra.

Até 7 1/2 grammas inclusivè — 35 em sellos.

Até 15 " " " " " " 70 " "

Até 22 1/2 " " " " " " 105 &c.

Por navios das duas nações.

Até 15 grammas inclusivè — 35 em sellos.

Até 30 " " " " " " 70 " "

Até 45 " " " " " " 105 &c.

Catalogos, prospectos, annuncios, avisos, quer sejam impressos, gravados, lithographados, ou autographados.

Até 45 grammas — 25 em sellos.

Até 90 " " " " " " 50 " "

Até 135 " " " " " " 75 &c.

REVISTA NOTICIOSA.

Desgraça—Terça feira de tarde andando uns rapazes a jogar o pio na rua de Gouros, para se divertirem, um d'elles, e que segundo nos informam, era creado do sr. Antonio Mendes Ribeiro, cahiu victima d'uma pancada na testa, e momentos depois expiro.

A quadra vai fertil em acontecimentos desastrosos.

Annuncios.—Foram-nos remittidos, depois de já estar a quarta pagina no prelo, os seguintes:

João de Castro Sampaio na qualidade de agente do Banco União do Porto toma letras á vista ou a prazo sobre as seguintes terras: = Lisboa = Porto = Figueira = Coimbra = Aveiro = Vizeu = Villa Lamego = Covilhã = Braga = Penafiel = Bragança = Amarante = e Villa do Conde. Tambem faz saques sobre as mesmas terras. Empréstimo sobre penhores d'ouro, prata, e brilhantes, e sobre titulos de divida publica fundada, acções de Bancos e Companhias. (22)

MANOEL de Mattos Costa, empresário da «*Assemblea Recreativa Vimaranense*» faz saber aos seus ill.ª e ex.ª socios, que, na conformidade do art. 14 do Regulamento, tem de haver no primeiro domingo de Fevereiro uma reunião de familias mascarada, na forma do costume, tendo toda a sociedade de ser prevenida com carta e bilhete. (23)

COMARCA DE GUIMARÃES.**Escrivão Mascarenhas.**

No dia 1.º de Fevereiro proximo, por 40 horas da manhã, na rua de Santa Luzia, d'esta cidade, casa n.º 39 se ha-de vender em hasta publica toda a mobilia pertencente ao expolio do rd.º Manoel Joaquim Ribeiro, morador que foi na dita casa, o que se faz publico, Guimarães 20 de Janeiro de 1863. (24)

Ha para vender um oratorio de aprimorado gosto, de intalha dourada, com um magnifico crucifixo de marfim em cruz de pão preto guarnecida a prata, proprio tambem para missa, e para decoração de qualquer sacristia ou enfermaria de qualquer estabelecimento de caridade. Quem o pretender falle na administração d'este jornal. (19)

Theatro. — A companhia nacional levou domingo á scena um variado espectáculo, que ha-de deixar inmemoráveis lembranças nos animos dos vimaranenses.

Representou-se a magifica comedia-drama = *União e trabalho* = O primeiro acto do sr. Almeida Braga = O ultimo acto do sr. Camillo, e = *O Sebastianista* = (canção).

N'boa escolha das peças, que como se vê, são las melhores do theatro moderno, juntou-se um bonito e completo desapecho fellas, que, podendo-

dizer, foi um dos melhores espectáculos que tem havido no nosso theatro.

Em tudo o que se representou, todos os actores andaram magistralmente, e mereceram espontaneos bravos.

Mas não podemos deixar de fallar especialmente do *Ultimo acto*, como d'aquillo em que os actores mostraram mais completamente o seu perfeito conhecimento dos segredos da arte dramatica.

O sr. Pereira no papel de Eduardo, o sr. Amaral no de João Pinto, e a sr. Maria Velloso no de Luiza, não deixaram nada a desejar, e foram entusiasticamente applaudidos.

O sr. Alves no papel de Jorge desenvolveu todos os recursos da sua bem conhecida vocação artistica, e accendeu vivissimo enthusiasmo nos espectadores.

De Carlota Velloso, no papel de Anna não fallamos, porque duvidamos se os gabos da nossa penna serao bastantes a corresponder ao merito real d'aquelle vulto do proscenio.

Carlota Velloso é um vastissimo talento artistico, cuja gloria seria por certo attenuada se pertendesse-mos dar-lhe relevo.

Naquelle mimosa producção do vasto e fecundo talento de Camillo, parece que o papel de Anna foi escripto de proposito para ser traduzido no palco por o genio de Carlota.

O mais grato elogio, e maior triumpho, que esta sympathica actriz alcançou, está nas lagrimas silenciosas e espontaneas, que ella soube fazer borbulhar dos olhos dos espectadores que a admiravam em extasi.

Numismatica.—O musen numismatico do Havre acaba de se enriquecer com series das moedas de Siao. O commercio de Siao, como em todo o oriente, como entre todos os povos primitivos, faz-se por trocas; a moeda entra nas transacções commerciaes como excepção. E' por isso que em Siao o dinheiro conserva a forma primitiva. Esta forma resultada de uma especie proximada, como faz um mi lepedes quando se curva em bola.

Quanto ao valor d'esta moeda, baseia-se para a troca, sobre o valor das piastras, e vale 972 rs. Assim a serie completa pesando 5 piastras, o seu valor é de 5860 rs. A moeda de Siao não tem inscripção indicativa; o punção é gravado no dorso da peça. Um pouco abaixo está collocado o brazão de armas; representa o campanario pontagudo do grande ou palacio do rei.

A china tem modificado a forma das moedas; tende cada vez mais a aproximar-se do systema monetario da Europa. O mesmo acontecerá ao dinheiro de Siao. Os seus pequenos quadrilongos de prata apenas servirão como preciosidades para o estudo das moedas do oriente.

Sentença justa — Acaba de lavrar-se em Paris uma curiosa sentença judicial.

Um actor da comedia franceza que agora se dedica ao drama estava quasi privado dos seus ordenados por ter contrahido varios emprestimos hipotecando esses vencimentos a diferentes credores.

Levado aos tribunaes um pleito occasionado por estes emprestimos, decidiu-se que ambas as partes, o empresario e o credor são interessa los em que o artista se não veja privado do seu ordenado, e que é preciso que os credores se contentem com a quinta parte dos debitos.

Por onde se vê que o ordenado dos actores é

absolutamente considerado como recurso unico para a sua sustentação e que é crueldade agiotar com elles.

Assumppto dramatico. — Refere um periodico hispanhol um caso recentemente acontecido em Taragona, no collegio de *Jesus Maria*, acerca de uma educanda alli recolhida.

O supposto pae da donzella apparece subitamente transformado em amante apaixonado, ficando assim a innocente educanda sem saber quem sejam os verdadeiros auctores da sua existencia.

Resistindo com animo forte ao intento de ser desposada por aquelle que tinha por seu pai, este prosegue todavia requestando-a, ao passo que a donzella continua a ser guardada pelas suas virtuosas companheiras de clausura voluntaria, e protegida pelas autoridades competentes.

Este extraordinario amante diz-se ser pessoa de posição assás distincta, e que a deliberação que tomou a respeito do matrimonio que pertende contrahir, foi originada por um voto que fizera ha poucos annos achando-se sobre as ondas do mar lutando com os impetos de uma horrorosa tempestade.

Ao que parece, que aquelle espirito afflicto não achou maior sacrificio na terra do que o casamento; pois que em tão apertado transe foi o que se lembrou de prometter em desconto dos seus peccados, se Deus por sua infinita mesericordia, o librasse de ser engolido pelos abyssos do oceano.

AGRADECIMENTOS.

MANOEL Antonio da Costa Guimarães, Antonio José Ferreira Leão, José Maria Costa, e Manoel Joaquim da Cruz, não podendo comparecer pessoalmente a todos os ill.^{ms} e exm.^{ms} snrs. e snr.^{as} que os obsequiaram com o prestimo dos seus serviços, por occasião da sempre chorada morte de sua esposa, filha, e cunhada D. Claudina Maxima Ferreira Leão da Costa, pedem desculpa de o fazerem por este modo, e protestam a todos a sua eterna e reconhecida gratidão. (20)

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

ARCHIVO JURIDICO.

PUBLICAÇÃO REGULAR DA LEGISLAÇÃO DE MAIS INTERESES TANTO ANTIGA COMO MODERNA

EDITOR — J. L. DE SOUSA

Publicou-se o n.º 16 da 2.ª serie que contém:

Legislação sobre feros, censos e pezoões, etc. etc. desde a sua extincção em 1832.

Decreto de 13 de agosto de 1832 sobre registo de minas.

Portaria de 19 de agosto, dando diversos esclarecimentos aos arrematantes de bens ecclesiasticos.

Vende-se e assigna-se no Porto na rua do Bom-jardim n.º 69, defronte da viella da Netta, aonde se encontram collecções completas da 1.ª e 2.ª series do *Archivo Juridico*.

O numero 17 conterá além das noticias judicarias do mez de Dezembro, Legislação sobre novos pesos e medidas e o decreto de 18 de julho de 1855, que supprimiu os juizes ordinarios nas cabeças de comarca.

MARIA MÃE DE CHRISTO.

A gloria das mulheres Christãs

PELO

PADRE SIMÃO

OBRA APPROVADA PELO EXM.^{mo} BISPO DE S. Dié

Traduzida e Anotada pelo presbiterio, José Vieira Caldas de Vasconcellos

COM LICENÇA DO EXM.^{mo} ARCEBISPO D'ESTA DIOCESE, E AO EX.^{mo} SR. DEDICADA

Dois volumes, cada um dos quaes contem 250 paginas em 8.º portuguez.

Vande-se n'esta cidade na rua do Gado n.º 18. Preço..... 500 rs.

ANNUNCIOS.

Os devotos que quizerem concorrer para o monumento que se projecta levantar no alto do monte Espinho, com a indicação que já foi annunciado por cartas podem dirigir-se a casa do ill.^{mo} sr. João de Castro S. Paio na praça do Toural, que está auctorizado para receber quaesquer donativos que para tão justo fim lhe quizerem entregar.

THEATRO DE D. AFFONSO HENRIQUES

Neste theatro dão-se ensaios de dança desde as 6 horas da noite, as 8 e meia, todas todas as quintas feiras e domingos até ao Carnaval; sendo gratis. 21

PREÇO DA ASSIGNATURA: — Por uma serie ou 50 numeros 15200 rs. — com estampilla 15450 rs. — Por 25 numeros 600 rs. — com estampilla 725 rs. — Folha avulsa 40 rs. — Annuncios por linha 30 rs. — repetição 20 rs. — Correspondencias de interesse particular 30 rs. por linha. — As publicações litterarias serão annunciadas, sendo enviados a esta redacção dois exemplares.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador José Antonio de Faria e Silva.